

- Hopper, P. (1991). On some principles of grammaticalization. In: E. Traugott & B. Heine (eds.), *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 17-35.
- Koehn, P. (2005). EuroParl: A Parallel Corpus for Statistical Machine Translation, In: *Proceedings for the Tenth Machine Translation Summit*, Phuket, pp. 139-142.
- Lewis, D. M. (2006). Contrastive analysis of adversative relational markers, using comparable corpora, In: K. Aijmer & A.-M. Simon-Vandenberg (eds.), *Pragmatic Markers in Contrast*. Amsterdam: Elsevier, pp. 139-152.
- Lohmann, A., Koops, C. (2016). Aspects of discourse marker sequencing – empirical challenges and theoretical implications. In: E. Keizer, G. Kaltenböck & A. Lohmann (eds.), *Outside the Clause: Form and Function of Extra-Clause Constituents*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 417-446.
- Lopes, A. C. M. & Sousa, S. (2014). The discourse connectives *ao invés* and *pelo contrário* in contemporary European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, on-line: <http://homepages.inf.ed.ac.uk/pkoehn/publications/euroParl-mtsummit05.pdf>
- Molina, L. & Hurtado Albir, A. (2002). Translation techniques revisited. A dynamic and functionalist approach. *Meta* XLVII, 4: 498-512.
- Pons, S. (2008). La combinación de marcadores del discurso en la conversación coloquial: interacciones entre posición y función. *Estudios Lingüísticos/Linguistic Studies*, 2. Lisboa, Edições Colibri/CLUNI, pp. 141-159.
- Pons, S. (2018). The combination of discourse markers in spontaneous conversations: Keys to undo a gordian knot. *Revue Romane* 53, 1: 121-158.
- Redeker, G. (1990). Ideational and pragmatic markers of discourse structure. *Journal of Pragmatics* 14, 3: 367-81.
- Rouchota, V. (1998). Procedural meaning and parenthetical discourse markers. In: A. H. Jucker & Y. Ziv (eds.), *Discourse Markers. Descriptions and Theory*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, pp. 97-126.
- Vinay, J.-P., Darbelnet, J. (1977). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, Paris, Didier.
- Visconti, J. (2015). La diacronia di *anzi*: Considerazioni teoriche, dati e prime ipotesi. *Cuadernos de Filología Italiana* 22: 105-116.

Online corpora

- EuroParl, *European Parliament Proceedings Parallel Corpus 1996-2011*; online: <http://www.statmt.org/euroParl/>
- Val.Es.Co, Cabedo, A. & Pons, S. (eds.): *Corpus Val.Es.Co 2.0*. online <http://www.valesco.es>

POIS E PUES COMO PARTÍCULAS DISCURSIVAS: DETERMINAÇÃO DE USOS EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL

Isabel Margarida Duarte

(Universidade do Porto – Centro de Linguística da Universidade do Porto)
iduarte@letras.up
<https://orcid.org/0000-0001-7908-5649>

Rogelio Ponce de León

(Universidade do Porto – Centro de Linguística da Universidade do Porto)
rromeo@letras.up.pt
<https://orcid.org/0000-0002-2392-1422>

Resumo: Na linha de trabalhos anteriores (Ponce de León & Duarte 2013, 2018; Duarte & Ponce de León 2015, 2017), o presente texto tem como objetivo a análise contrastiva dos valores discursivos da forma portuguesa *pois* e da etimologicamente correspondente em espanhol *pues*. Para tal, estudam-se, num primeiro momento, os usos intraoracionais e gramaticalmente canónicos das formas, numa perspetiva sincrónica e diacrónica, partindo de recursos gramaticográficos, lexicográficos e de *corpora* do português e do espanhol, para, seguidamente, determinar, através de procedimentos contrastivos, as divergências e convergências dessas formas quando *pois* e *pues* assumem valores extraoracionais. No que se refere à partícula portuguesa, pode assumir, como *pues* em espanhol (Montolió 2001), um valor de tipo argumentativo justificativo ou conclusivo (Lopes 2012), característico do registo escrito. Mais interesse suscitam os usos habitualmente restritos ao discurso oral e coloquial, por serem os valores divergentes e porque foram, no contraste português-espanhol, os menos estudados. Estabelecidos, em cada língua, os valores semânticos divergentes

das formas estudadas, na segunda parte do texto, faremos um estudo dos contextos em que surgem os referidos marcadores, num *corpus* de obras literárias portuguesas, e respetivas traduções para espanhol. Tratamos, finalmente, de dilucidar se as correspondências encontradas nas traduções são adequadas e, em caso negativo, proporemos as soluções mais ajustadas ao sentido dos marcadores objeto deste texto.

Palavras-chave: *pois*, *pues*, partículas discursivas, tradução, português, espanhol

Abstract: As in previous works (Ponce de León & Duarte 2013, 2018; Duarte & Ponce de León 2015, 2017), the objective of the present text is the contrastive analysis of the discursive values of the Portuguese form “*pois*” and of the Spanish corresponding etymologically “*pues*”. In order to do this, we start by studying the intrasentences and grammatically canonical uses of the forms, in a synchronic and diachronic perspective, starting from grammatical, lexicographic and corpora resources of Portuguese and Spanish, so that we can then determine, through contrastive procedures, the divergences and convergences of these forms when “*pois*” and “*pues*” assume extraorational values. With regard to the Portuguese particle, it can assume, as in Spanish (Montolío 2001), an argumentative or conclusive value (Lopes 2012), characteristic of the written discourse. More interest arouses from the uses usually restricted to oral and colloquial discourse, because the values are divergent and because they were, in the Portuguese-Spanish contrast, the least studied. Having established in each language the semantic divergent values of the forms studied, in the second part of the text, we will study the contexts in which these markers appear in a corpus of Portuguese literary works and their Spanish translations. Finally, we try to find out if the correspondences found in the translations are adequate and, if not, we will propose solutions that may be better adjusted to the meaning of the markers we studied in this text.

Keywords: *pois*, *pues*, discourse particles, translation, Portuguese, Spanish

1. Introdução

A finalidade principal deste texto é analisar, em contraste, os valores discursivos da forma portuguesa *pois* e da etimologicamente correspondente em espanhol (*pues*), para o que traçámos os seguintes objetivos:

1. Estudar os usos intraoracionais e gramaticalmente canónicos das formas, numa perspetiva sincrónica e diacrónica;
2. Determinar, através de procedimentos contrastivos, as divergências e as convergências de *pois* e *pues* quando assumem valores extraoracionais;
3. Estabelecer, em cada língua, os valores semântico-pragmáticos divergentes das formas estudadas;
4. Estudar os contextos dos marcadores referidos num *corpus* de obras literárias portuguesas, assim como das suas traduções para espanhol;
5. Verificar se as correspondências registadas nas traduções são adequadas e, em caso negativo, indicar quais seriam as soluções mais ajustadas ao sentido dos marcadores objeto deste trabalho.

2. *Pois* em Português Europeu

No que se refere à partícula portuguesa, ela pode hoje assumir, como *pues* em espanhol (Montolío 2001), um valor de tipo argumentativo justificativo ou conclusivo (Lopes 2012), característico do registo escrito. Maior interesse suscitam, porém, os usos habitualmente encontrados no discurso oral e coloquial, por serem os valores divergentes em relação à forma correspondente em espanhol e porque têm sido, no contraste português-espanhol, os menos estudados. São, além disso, os mais frequentes, segundo pesquisa feita no *Corpus do português* de Davies & Ferreira (2006-), como veremos.

Para a análise dos valores de *pois* em português, no presente trabalho, temos em conta, apenas, o Português Europeu (PE), por os usos serem diferentes em Português Brasileiro (PB). Baseamo-nos, sobretudo, no que sobre *pois* escreveram Pinto de Lima (2002), Óscar

Lopes (2005 [1991]), A.C. Macário Lopes (2012) e Aldina Marques (2016).

Segundo Óscar Lopes (2005 [1991]), *pois* é uma partícula que estabelece “entre duas orações um nexos semântico de causa, explicação, razão ou motivo”; “alguns desses pares de orações assim ligados admitem duas ordenações diferentes entre si, com a colocação da partícula ora no início de uma, ora no início de outra oração.” (2005: 211), como em (1) e (2), exemplos do próprio Óscar Lopes:

- (1) Choveu há pouco tempo, *pois* as ruas estão molhadas.
- (2) As ruas estão molhadas; choveu, *pois*, há pouco tempo.

A origem de *pois* seria a preposição latina *post* “cuja função semântica típica é a de indicar uma posição de posterioridade de ordem temporal” (2005: 216) (cf. locução *depois de*), como em (3) e (4)¹:

- (3) E esta dõaçõ e esta mãda faço a esses cónigos que eles seiã tẽudos a ffazer aniuerssario por mia alma *poys* que eu deste mũdo sayr cada anno en tal dia come aquele que eu sayr deste mũdo. E façã cantar en aquel dia hũa missa por mia alma e uáán cõ procisson sobre meu muimẽto assi como costume é.

Documentos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (1270-1299)

- (4) Nenhuũ omẽ *poys* que for outurgado dereytamente per mandado da Sancta Eygreya cũ algũa molher, non seya ousado de casar cũ outra dementre que aquella uiuer a macar que nõ aia beeçoes cũ ella en Eygreya e macar que nõ morarẽ en huu.

Afonso X. Foro Real (1280?)

¹ Exemplos retirados do corpus de Davies & Ferreira.

Daí teria derivado o sentido causal ou explicativo encontrado em ocorrências posteriores, como em (5):

- (5) E quanto este traidor e desaventurado Sacerdote foi digno de repreensão, como sua certa perdição merece: *pois* sendo Oficial da Morte e Paixão do Filho de Deus, desconfiando da sua Misericórdia, renegou!

[*Crônicas de Rui de Pina*, Introdução e Revisão de M. Lopes de Almeida, Porto: Lello & Irmãos Editores, 1977, p. 554, Cap. XXXII: “Como foram os Christãos outra vez combatidos, e como se começou per os Mouros de mover partido que, por salvaçam do arrayal, se desse Capta”] séc. XV.

Mas, como Óscar Lopes nota, há uma grande frequência de uso de *pois* com “larga e por vezes intrigante gama de funções pragmáticas [...] em textos dialogais mais ou menos vivos de Camilo Castelo Branco e de Eça de Queirós.” (Lopes 2005: 216). São, de facto, textos em que esses autores procuram a verosimilhança das palavras atribuídas às personagens, incorporando, nos diálogos de ficção, grande quantidade de coloquialismos. Cremos, no entanto, a partir de exemplos do Corpus do Português, de Davies & Ferreira, que os usos dialogais já vêm de antes do séc. XIX, como se pode ver por exemplos como (6):

- (6) [...] e já que chegavam ao santuário, perguntou o novo criado ao seu amo com mais malícia que singeleza:
- Senhor, que hei-de fazer quando entrar na igreja?
- Isso, - respondeu o fidalgo indignado, - isso pergunta um católico?
- *Pois*, senhor, - tornou o moço, - eu a vós descarapucei-me, ajoelhei-me, fiz tantas medidas, que me fica para lá?

Aves Ilustradas, Soror Maria do Céu (1738)

Tal como no último exemplo e como Aldina Marques (2016) confirmará mais tarde, com ocorrências do *Perfil sociolinguístico da Fala Bracarense*, segundo Óscar Lopes:

[...] o motivo a que muitas vezes se reage verbalmente com essa partícula é simplesmente um acto de fala do interlocutor." [...]; "o segundo interlocutor encara a frase do primeiro como motivo discursivo suficiente para se opor, ou para se conformar, com ele [...]" (Lopes 2005: 218).

Assim, *pois* tem valor de assentimento e concordância na maior parte das ocorrências, sendo um marcador discursivo de consenso, mas pode, noutras, ter um valor contrastivo, um "valor de contraste que geralmente se exprime por construções adversativas ou concessivas" (2005: 220), como em (7):

- (7) - O Zé quer ser médico.
- *Pois* o Tónio quer ser engenheiro.

Mas, segundo Óscar Lopes: "Há outros usos da partícula *pois* em que pouco mais parece exprimir do que uma conexão de razoabilidade entre dois segmentos textuais" (2005: 219-220); nestes casos, a forma teria também um valor continuativo. Óscar Lopes refere-se a uma importante função daquilo a que chama apodeixis: a de "conexão de algum modo lógica, entre a oração que introduz e a outra oração precedente, ou um estado de coisas virtualmente equivalente a uma oração." (2005: 220).

O valor contrastivo foi também assinalado pelo linguista, quando escreve: "O segundo interlocutor dá o seu assentimento à afirmação do primeiro, pondo no entanto mais ênfase numa contrapartida de sinal axiológico oposto, que acrescenta" (2005: 222). Seria o caso de

pois mas / pois sim (com entoação que exprime negação, ou desacordo com o dito pelo interlocutor).

Em nossa opinião, *pois* pode ter um valor de contraste mas não adversativo. Dificilmente o substituiríamos, como sugerem os dicionários consultados, por "mas", "porém", "todavia".

Lopes (2005: 220) salienta ainda "construções meramente resumptivas de qualquer ideia que ficou para trás no discurso: *pois*, como já atrás ficou dito, ou o *pois* de aparência meramente fática, de abertura de comunicação". O *pois* com valor apenas fático é referido por Pinto de Lima também, e seria o de casos como (8), do C-Oral-Rom, de uma conversa telefónica:

- (8) MAT - porque ela
LAL - *pois* //
MAT - está numa senhora/ mas a senhora tem diabetes e está /
LAL - *pois* //
MAT- muito mal e não sei quê //
LAL - *pois* //
MAT - e acho /
LAL - *pois* // [ptelpv04]

Pinto de Lima estudou sobretudo o processo de gramaticalização de *pois*, partícula que teria começado por ser uma preposição temporal, depois advérbio e conjunção, para se tornar, nos nossos dias, sobretudo marcador discursivo (MD) (marcador de afirmação; marcador fático). O valor temporal de preposição (equivalente a "depois") coexistiria, no séc. XIII, com valores explicativos. Depois de a preposição ter desaparecido, do valor de *pois* como conjunção teria derivado o *pois* que consideramos MD.

Talvez o valor atual do MD decorra do valor pressuposicional da conjunção causal / explicativa, realçado quer por Óscar Lopes, quer, sobretudo, por Ana Cristina Macário Lopes. Esta autora estudou

as causais de enunciação e verificou que “funcionam basicamente como asserções dependentes, que justificam ou explicam a causa, a razão ou o motivo que leva o falante a dizer algo” (Lopes 2012: 454). Ora a “relação discursiva que nestas construções se atualiza” seria a *Justificação* (Lopes 2012: 454), como no exemplo (9), retomado de Óscar Lopes:

- (9) Choveu há pouco tempo, **pois** as ruas estão molhadas.
= Digo que choveu há pouco porque vejo as ruas molhadas.

Trata-se, como diz Ana Cristina Macário Lopes, da “explicitação da causa do dizer, e não da causa do dito” (2012: 455). A autora destaca o valor pressuposicional de *pois*, ao referir, sobre o “segundo membro das causais de enunciação em termos de informatividade” (Lopes 2012: 460) que:

Tratando-se de um argumento invocado para justificar o dito, é sempre, necessariamente, informação tida como conhecida ou tomada como dado adquirido pelo falante. As causais de enunciação têm, pois, um caráter inerentemente pressuposicional [...] (Lopes 2012: 460).

Parece ser deste valor que Marques (2016) também destaca, como os restantes autores citados, que deriva o valor de assentimento, de construção de consenso presente no MD.

Aldina Marques reforça esta ideia, quando escreve: “POIS distingue-se, desde as primeiras ocorrências atestadas em textos medievais, por introduzir uma oração subordinada que se individualiza pelo carácter “partilhado” da informação que apresenta” (Marques 2016). A autora debruça-se sobre um contexto de ocorrências formado por interações verbais dialogais, no qual destaca a natureza multifuncional e polissêmica de *pois*, quer como continuativo, como

MD (de reforço de afirmação), partícula fática (Lima 2002), valores que, segundo Paiva & Braga (2013: 198), decorreriam dos usos no português antigo. Marques (2016) sublinha a centralidade da “informação assumida como dado adquirido” e destaca dois valores básicos de *pois*.

Quanto ao valor básico 1, que classifica como valor dialógico ou polifónico, diz a autora: “O locutor põe em cena um enunciador, um ponto de vista, que é apresentado como já conhecido dos interlocutores” (Marques 2016). Este dialogismo estaria relacionado com o valor anafórico de *pois* – como Portolés postula para *pues* (1989) –, isto é, com o facto de facilitar a “retoma de uma asserção anterior, um conhecimento partilhado” (Marques 2016). No que diz respeito ao valor básico 2, seria um “valor de acordo, de concordância com o dito (ou com o inferido)” (Marques 2016).

Segundo Marques, “POIS reforça a orientação argumentativa do discurso, instaura a cumplicidade com o interlocutor” (2016), sendo característico das interações colaborativas e consensuais. Na interação coloquial, pode servir (1) para retoma da voz do alocutário para confirmar a confluência de opiniões; (2) para encadear sobre a sua argumentação; (3) para dela discordar, tendo, então, um valor de atenuador.

As 59 ocorrências de *pois até porque* existentes no C-Oral-Rom são bons exemplos de reforço da orientação argumentativa do discurso do interlocutor, já que, ao que foi dito, o locutor acrescenta um novo argumento coorientado. Quando se trata de um *pois* que parece sinalizar a concordância com a posição do interlocutor, mas, na verdade, dela diverge, temos o valor de atenuação de que fala Marques. As 128 ocorrências de *pois mas* do C-Oral-Rom servem de exemplo para este efeito atenuador em relação à discordância parcial entre o locutor e o interlocutor, como em (10):

(10) LAL - está bem/ hhh// pois /mas se entretanto/ conhecer/
depois se disser à minha/

MAT - pois/ se eu souber/ eu comunico à menina// [ptelpv04]

Parece-nos ainda, com Marques, que *pois* facilita a retoma de tema depois de digressão, como em (11) e uma mudança de tema suavizada, como em (12).

(11) MCM - mas a verdade é que nós /não tínhamos medo/ com excepção dum comandante /que era o Schultz /que tinha muito /medo //e dum + como é que se ele chamava ? //nós tínhamos nessa altura/ tínhamos os flight engineers /e tínhamos aqueles que transmitem //

ZEB - ah //

MCM - como é que se/ chamam? /morse//

ZEB - morse //

MCM - pois // havia um que tinha um medo medonho /também// mas o Schultz er um bom comandante [pfammn21]

(12) SAA- quando estiverem /

ANA - tempos /+

SAA - a atender as chamadas /vão ter todas as dúvidas e vão-se lembrar de tudo //

ANA - ah /houve duas colegas nossas /começaram hoje// respondi // [ptelpv07]

A ideia de que o *pois* da oralidade seria, predominantemente, um MD de consenso, reforça-se pelo facto de outros elementos pragmático-linguísticos no cotexto de *pois* concorrerem para o mesmo valor de sinalização de confluência de opiniões, como nos exemplos (13), (14) e (15) do C-Oral-Rom. Destaquem-se as expressões de concor-

dância coocorrentes com *pois*: “sim sim”, “é isso, assim já se sabe”, “é” “é isso”, “está bem” “exactamente”, “com certeza”:

(13) LAL - se o menino não está /ele aproveitou para sair mais cedo /com certeza

MAT - ah /sim sim// pois//

LAL - pois //aí assim/

MAT - adianta mais serviço/ também//

LAL - deve ter / pois / é isso// assim já se sabe // [ptelpv04]

(14) MAT - era o costume/ não

LAL - ah/ pois//

MAT - é/ hhh//

LAL - é isso hhh //esqueci-me que ela está

MAT - pois/ a gente habitua-se [ptelpv04]

(15) LAL - está bem/ hhh// pois /mas se entretanto/ conhecer/
depois se disser à minha/

MAT - pois/ se eu souber/ eu comunico à menina//

LAL - nora/ depois /

MAT - exactamente//

LAL - ela diz-me//

MAT - com certeza//

LAL - pois /é isso // [ptelpv04]

Este panorama é mais complexo e rico do que aquele que os dicionários consultados nos apresentam sobre *pois*, como se pode ver no Quadro 1:

Academia das Ciências de Lisboa	Morais	Aurélio	Grande Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora	Houaiss
conj. consequência ou conclusão causal	conj. adversativa função coordenativa e conclusiva	Conj. Consequência Explicativo	Conj. valor causal explicativo adversativo	Conj. Coord. Conj. Explic. Conj. Conclusiva Conj. Adversativa
Adv. afirmação, concordância, assentimento	Interj. assentimento, acedência, concordância	Adv. Lus. assentimento, aprovação	Adv. concordância, assentimento	Adv. Assentimento (assinala diferenças PB/PE)
Irón. Dúvida				

Quadro 1 – *Pois* em Dicionários

Relativamente a outras síncronias, os Quadros 2 e 3 permitem-nos ver que *pois* era particularmente frequente no séc. XIII (no quadro 3, dá-se conta de outra grafia corrente na época), sendo, hoje, sobretudo usado na oralidade, ou, em menor grau, na ficção que estilizadamente a imita:

SECTION	FREQ	SIZE (%)	PER MIL	CLICK FOR CONTEXT (SEE ALL)
128%	1,315	0.6	2,386.71	
135%	446	4.3	346.37	
140%	2,118	2.8	744.56	
150%	3,355	4.3	774.26	
160%	2,097	3.0	640.85	
170%	1,760	2.2	503.87	
180%	10,463	9.7	1,074.61	
190%	12,813	20.3	671.78	
PORI	4,034	10.2	793.33	
BRAR	5,516	10.0	349.23	
ACAD	2,350	5.8	410.11	
NEWS	2,151	6.5	331.95	
FICT	4,551	5.9	766.48	
ORAL	4,548	2.1	2,787.08	
TOTAL	62,383		SEE ALL TOXENS	

Quadro 2: *Pois* no *Corpus do português* (Davies & Ferreira 2006-)

SECTION	FREQ	SIZE (%)	PER MIL	CLICK FOR CONTEXT (SEE ALL)
128%	504	0.6	193.76	
130%	442	1.1	348.70	
140%	750	2.8	32.74	
150%	1,152	4.3	263.86	
160%	0	3.3	0.05	
170%	5	2.2	2.28	
180%	0	4.7	0.00	
190%	0	20.3	0.00	
PORI	0	10.2	0.00	
BRAR	0	10.0	0.00	
ACAD	0	5.8	0.00	
NEWS	0	6.5	0.00	
FICT	0	5.9	0.00	
ORAL	0	2.1	0.00	
TOTAL	1,866		SEE ALL TOXENS	

Quadro 3: *Pois* no *Corpus do português* (Davies & Ferreira 2006-)

Resta-nos, por fim, apontar, rapidamente, algumas tendências destacáveis dos dados do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, e especialmente do C-Oral-Rom. Há 2700 ocorrências de *pois*, 1540 das quais no C-Oral-Rom: 276 são de *pois é* com função de marca de consenso, confirmação; 147 são ocorrências de *pois não*² que revelam também consenso, confirmação de negação; há 39 ocorrências de *pois não é* (14 de *pois não é?*); as 59 ocorrências de *pois até porque* sinalizam a construção de uma argumentação com o interlocutor, enquanto que os 128 exemplos de *pois mas* parecem apontar para a atenuação de uma argumentação diferente da do interlocutor, como ficou dito. Há ainda 150 exemplos de *pois pois* e a maior parte das ocorrências está em início de intervenção.

² *Pois não*, como resposta a pergunta ou pedido, tem valor de assentimento em PB, mas não em PE.

3. *Pues* em espanhol

Relativamente à forma espanhola *pues*, de acordo com o *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* de Joan Corominas e José Antonio Pascual, podem detetar-se, como *pois* no português, desde os primeiros documentos em castelhano, os valores causais e consecutivos / ilativos:

PUES, del lat. POST ‘después’, ‘detrás’, ‘después de, detrás de’, que en la baja época tomó el valor de POSTQUAM ‘después que’, ‘como’, ‘puesto que’. 1.ª doc.: orígenes (*Cid*, etc.).

Ya en este poema aparece con el valor de conjunción causal e ilativa análogo al moderno, y constante en todas las épocas del idioma [...]. Además en el idioma antiguo se conserva el valor adverbial ‘después’ igual al latino clásico [...]. Desde aquí se podría llegar al valor de conjunción consecutiva o ilativa, pero es más probable que como conjunción salga del uso de POST con valor de POSTQUAM, que ya hacía el latín tardío.

A veces tiene un valor enfático, de insistencia, en los clásicos: “Ve tú, y mira aquella puerta: / ¡presto, acaba! / CATAL.: ¿Yo? D. JUAN: Tú, *pues*. / Acaba, meneas los pies” (Tirso, *Burlador* III, v. 503) (Corominas & Pascual 1981: IV, 683).

Do passo reproduzido, importa salientar o “valor enfático”, que, como podemos deduzir na citação do fragmento do *Burlador de Sevilla* de Tirso de Molina, se regista de forma predominante na interação oral. Este uso já é registado em dicionários de fins do século XVI, como se pode observar no *Nuevo tesoro lexicográfico del español* de Lidio Nieto e Manuel Alvar Ezquerria (2007: VIII, 8035-8036), no *Recueil de dictionnaires François, Espagnols et Latins* (Bruxelas, 1599), de Henricus Hornkens (“ea pues di”):

pues (pues) VOC. GEN S. XIV: *ergo*, *pues* que así es // NEBR. 1492: *pues*, v. *así* [...].

SANTAELLA 1499: [...] *quandoquidem*, *id est*, *quoniam* o *pues* que assí es [...].

HORNKENS 1599: *pues*, ¿*pues* qué?, *quoy puis apres?*; *quid deinde porro?*; *car quoy?*; *quid enim?*; a Dios *pues*, a *Dieu doncques*; *ergo*; *ea* *pues* *di*, *or sus auant*, *dy*; *eia uero age dic*; *pues sí*, *or si*; *etenim si* *pues* *sus*, *pues* *bien*, *or sus or sus*; *agite dum*; *pues*, *assí* que *pues* *donc ou doncques*; *ergo* (Nieto & Alvar Ezquerria 2007: VIII, 8035).

Interessa realçar estes usos oralizantes, que se podem designar como discursivos e que são descritos e registados, com pormenor, na primeira metade do século XVII, no *Diccionario de autoridades* (Madrid 1726-1739) da Real Academia Espanhola (1739: 479); dos doze valores – a seguir apresentados –, os nove últimos respeitam ao discurso oral:

i) Partícula que sirve en la oracion de nota de quien se resuelve a alguna cosa, ò se afirma sobre lo que discurre o va à discurrir. Regularmente se pospone en este sentido à la primer palabra de la oracion. Lat. *Igitur. Ergo* [...].

ii) Sirve de nota de ilación, y las mas veces equivale à Supuesto que. Lat. *Igitur. Ergo*.

iii) Sirve tambien or nota de suposicion de alguna cosa, para proseguir ò resolver otra: y equivale à Ya que, ò Supuesto que: y assi se dice, *Pues* has venido à tiempo, veremos estos libros. Lat. *Cum vero. Siquidem*.

iv) Se usa tambien como partícula adversativa, para denotar el sentimiento contrario à lo antes propuesto: como Pedro robó à su Amo; *pues* no le tenia yo por ladrón. Lat. *Equidem. Verùm*.

v) Se usa asimismo como partícula relativa, para redarguir de un caso à outro, ù de un discurso à otro: como no te atrevieras à hacer esto delante de un hombre: *pues* como te atreves delante de dios? Lat. *Quare. Quid ergo.*

vi) Se usa tambien para atar las oraciones en una cláusula ù discurso, comparando las mas veces una cosa con otra, para ponderarla: como, Su talle y persona es recomendable; pues su buen trato, agrado y cortesía. Lat. *Quid ergo.*

vii) Se usa tambien para certificar alguna cosa, anteponiéndola en la oración: como Pues esse es mi hijo ò mi hermano. Lat. *At. Etenim.*

viii) Usado solo, y como separado de la oración, se usa para preguntar lo que se duda, y para responder afirmando lo que se pregunta: y de este modo se le suele añadir la partícula No, para darle mas viveza en la respuesta, y la partícula Que en la pregunta. Lat. *Ita quidem. Cur non.* Cerv. Quix. tom. 2. cap. 34. Piensa V. m. esperar señor D. Quixote? *Pues* no? Respondió él, aquí esperaré intrépido y fuerte [...].

ix) Se usa tambien como interjeccion para dar fuerza à la amenaza: y assi se dice, Pues yo te asseguro, que me las pagarás. Lat. *Quidem. Equidem.*

x) *Pues* sí. Expresion irónica que se usa para reconvenir ò redarguir à alguno, como asintiendo à lo que propone; pero haciendole ver lo contrario: y assi se dice, Fuláno no sabe de ellos: y se responde *Pues* sí, que no lo ha manejado continuamente Lat. *At.*

xi) *Pues* y que? Expresión que se usa para denotar repreguntando que no tiene inconveniente, ò que no es legitimo el cargo que se hace. Lat. *Quid ergo?*

xii) Y *pues?* Modo del estilo vulgár y familiar, que se usa preguntando, y equivale al *Pues* solo (RAE, 1737: 425).

Nestas nove últimas aceções, podemos deduzir que a forma como partícula discursiva pode ser tónica ou átona: como forma átona, pode detetar-se uma multiplicidade de valores, aos quais subjaz uma carga argumentativa variável segundo os contextos; como partícula tónica, tem um valor enfático e o seu uso está condicionado por fatores diatópicos e diastráticos.

Pode inferir-se, por outro lado, que estes usos pragmáticos de *pues* são os predominantes – acima dos valores como conjunção causal / explicativa, ou como partícula consecutiva – no passo apresentado a seguir do *Diccionario de uso del español* de María Moliner, no qual o valor mais importante é designado como ‘consecutivo’ – expressão que, parece-nos, é utilizada pela autora no sentido de relacionar argumentativamente enunciados na interação:

Esta partícula es fundamentalmente consecutiva y tiene como papel propio el de expresar una cosa sugerida al hablante por algo pensado o dicho inmediatamente antes: ‘No tengo ganas de comer. –Pues no comas. Le salude y no me contestó. –Pues no le vuelvas a saludar. Pues no sabía nada. Pues no se me había ocurrido. Te lo dije y no hiciste caso, pues no te quejes’. El uso de “pues” es amplísimo y, aunque en muchos casos la relación consecutiva no se percibe claramente y puede tomarse por una partícula enfática o expletiva, a la cosa expresada con “pues” ha precedido siempre en el pensamiento del que habla alguna consideración que la motiva, justifica o explica: ‘Pues no sabía nada. ¡Pues qué tarde es!’. En muchas exclamaciones encierra enfado, protesta o reprensión que puede ser amable: ‘Pues no faltaba más!, tengo mucho gusto en acompañarle [...]. Sentido semejante tiene en frases mixtas de exclamación o interrogación: ‘¿Pues no se ha atrevido a pedirme que le recomiende? [...]. Se usa muy frecuentemente en respuestas y es en este caso en el que menos clara está la relación consecutiva; más bien representa

una vacilación en la respuesta o una atenuación de ella: '¿Cómo está el enfermo? –Pues está algo mejor. Pues chica no sé qué te diga' (Moliner 1984: II, 881).

Dos fragmentos apresentados até agora, julgamos pertinente sublinhar a polissemia de *pues* como partícula discursiva e a carga argumentativa de tipo gradual que subjaz ao seu uso. Este aspeto tem provocado habitualmente, na lexicografía e na gramaticografía, uma descrição desta forma não suficientemente adequada; por exemplo, aquela que aparece na *Nueva gramática de la lengua española* (Madrid, 2009) da Real Academia Española, analisada como conjunção coordenada ilativa, nos contextos em que, na verdade, *pues* funciona como partícula extraoracional:

Entienden algunos autores que las oraciones ilativas se deben agrupar con las coordinadas. Uno de los argumentos que se han ofrecido para apoyar este análisis es el hecho de que las primeras pueden no introducir tan solo una oración, sino un período completo que constituya un razonamiento trabado. Repárese en que las conjunciones *pues* y *porque* aparecen consecutivamente en el siguiente texto:

Anteayer... despedazó el jamón que teníamos guardado para estas Pascuas y nos lo comimos entero. Ayer estuvimos todo el día con unas sopas de huevo y perejil; bueno *pues* porque protesté de esto me hizo beber tres vasos seguidos de leche sin hervir (Lorca, *Zapatero*).

La conjunción ilativa *pues* no introduce en este ejemplo una subordinada causal, sino un período, subrayado con trazo discontinuo, que está formado por una oración principal y otra subordinada, de forma que entre ellas se establece una dependencia causal. La partícula *pues*, junto con la interjección *bueno*, ponen en contacto todo ese período con la información

precedente que lo enmarca o lo sitúa en su contexto (RAE 2009: II, 3516).

De tudo o que foi dito sobre *pues* até agora pode concluir-se que, como marcador discursivo da oralidade, este signo estava plenamente gramaticalizado já no século XVI, tal como afirmam Lola Pons Rodríguez (2010: 572) e Rafael Cano Aguilar (2007: 39-41); o uso, por seu turno, como partícula consecutiva parece ser anterior, segundo afirma este último investigador (2007: 38):

Con este sentido de consecuencia evidente, es ya común en el XVI que *pues* se inserte en el interior de su enunciado, en general en segundo lugar tras cualquier otro elemento introductor. En la época aún no está limitado tal uso a registros lingüísticos elevados o retóricos (Cano 2007: 38).

Lo más habitual para el *pues* conector, ya en este momento histórico [o século XVI], es que la inicial conexión consecutiva se haya diluido en dirección hacia la introducción de una reacción argumentativa al enunciado anterior, o la introducción de comentarios o proyecciones del discurso que, de muy varias maneras, se vinculan a ese enunciado precedente. Por ese carácter reactivo es habitual verlo en el inicio de la respuesta a una interrogación (inicie o no esa respuesta un nuevo turno de habla en el diálogo):

(117) ¿Y todo esto habéis pasado? Lozana. *Pues* no es la mitad de lo que os diré... (Lozana, 54) (Cano 2007: 39).

Para o espanhol atual, os valores discursivos de *pues* foram analisados, de forma pioneira, por José Portolés (1989) e Pilar Garcés (1992). Estes investigadores, para além do valor consecutivo, determinam um uso continuativo:

Propongamos una significación a la frase en que aparece este conector discursivo [p. ex. A: *Voy al cine.* / B: *Pues yo tengo que trabajar*]: 'si un hablante dice *p* y su interlocutor replica *pues q*, debemos pensar que *q* contradice alguna conclusión que pudiera inferirse de algún modo sobre *p*, orientando el diálogo hacia otra distinta'. [...] [E]l *pues* continuativo reabre una negociación que pudiera parecer cerrada; lo que también explica su uso después de un silencio, cuando queremos comenzar una conversación (Portolés 1989: 132-133).

[...] [L]a partícula se utiliza para hacer referencia a un enunciado anterior, en la mayoría de los casos, y, en menos ocasiones, a una secuencia que aparece formulada después, estableciendo una vaga indicación de continuidad (Garcés 1992: 264).

Outros autores, por seu turno, realçam a função metadiscursiva de controlo da mensagem, como é o caso de Antonio Briz:

El conector *pues* parcela y realza ciertas partes del discurso, en concreto condicionantes o condicionados o, de otro modo, argumentos e conclusiones (Briz 1998: 207).

[...] [E]l hecho de que *pues* desarrolle (a la vez) una función de conexión argumentativa e ilocutoria, de refuerzo de la argumentación o del acto realizado (*pues sí*), no desdibuja su función metadiscursiva más principal en ese contexto (Briz 1998: 210);

ou o valor como estruturador da informação, tal como observam María Antonia Martín Zorraquino e José Portolés:

Este marcador [*pues*] presenta un comentario nuevo e informativamente valioso con respecto al discurso que lo precede. Cuando aparece en una intervención reactiva no preferida, la

intervención que introduce adquiere el sentido de un marcador contraargumentativo (Zorraquino & Portolés 1999: 4080).

El adverbio comentador *pues* [...] se sitúa en la posición inicial del miembro que introduce –sin estar seguido de pausa– y lo presenta como un comentario nuevo e informativamente valioso con respecto del discurso que lo precede. Este discurso anterior puede ser una preparación del comentario (Zorraquino & Portolés 1999: 4083).

Por conseguinte, interessa no presente trabalho sublinhar três propriedades de *pues*, afora os valores como conjunção causal ou explicativa e como conector consecutivo: i) a argumentativa, ii) a de introdutor de informação remática e iii) a fática ou metadiscursiva. A primeira característica pode atenuar-se no discurso ao ponto de *pues* servir apenas, como refere Briz (1998: 210), de partícula de controlo da mensagem. Estas propriedades, em maior ou menor medida, subjazem aos múltiplos valores de *pues* que se registam nos dicionários de partículas ou marcadores discursivos, como os de Luis Santos Río (2003: 534-538), Catalina Fuentes (2009: 291-294), ou o *Diccionario de Partículas Discursivas del Español* (2008), coordinado por Briz, Pons Bordería e Portolés. De entre todos eles, falta o de confirmador da informação, valor que, como foi referido anteriormente, é extremamente habitual em português.

4. *Pois e pues* em confronto

De acordo com os valores analisados de *pois* e *pues*, pode observar-se, no confronto que se apresenta no Quadro 4, valores convergentes para grande parte dos usos destas formas:

	Português	Espanhol
Conjunção		
a) temporal (arcaico):	<i>pois</i> →	----
b) causal / explicativa:	<i>pois</i> →	<i>pues</i>
Partícula discursiva		
a) consecutiva:	<i>pois</i> →	<i>pues</i>
b) adversativa(?):	<i>pois</i> →	----
c) continuativa ou de reforço argumentativo:	<i>pois</i> →	<i>pues</i> (maioritária), <i>o</i> , <i>acaso</i> (no início de frases interrogativas), <i>porque</i> [!]
d) fática:	<i>pois</i> →	<i>pues</i> (?)
- metadiscursivo conversacional de receção da mensagem:	<i>pois</i> →	----
e) de acordo ou concordância:	<i>pois</i> →	<i>sí</i> , <i>no</i> , <i>claro</i> , <i>ya</i> , <i>realmente no</i> ?, <i>pero</i> ?, <i>acaso</i> ?, <i>pues</i> [!]

Quadro 4 - Valores de *pois* e *pues* em confronto

Como acaba de ser referido, há coincidência nas correspondências, à exceção dos dois últimos valores (o metadiscursivo conversacional de receção da mensagem e o de acordo ou concordância), a propósito dos quais detetamos acentuadas divergências. Note-se que, como foi enfatizado mais acima a partir dos dados obtidos nos *corpora*, estes dois usos, em português, parecem ser os mais habituais. A este facto devemos acrescentar que *pues*, em espanhol, como foi mencionado anteriormente, é com frequência “esvaziado” da sua carga argumentativa, sendo utilizado como mero conector metadiscursivo de controlo da mensagem, mas, seja como for, num sentido diferente daquele que é habitualmente dado ao *pois* metadiscursivo.

Nas seguintes linhas, o nosso propósito é determinar a forma como o confronto apresentado se reflete nas traduções para espanhol de obras literárias em português.

5. Correspondências de *pois* em traduções literárias para espanhol

Na última parte do presente trabalho, propomo-nos analisar as diferentes soluções de tradução dos valores de *pois* para espanhol, num *corpus* de obras da literatura portuguesa com as suas correspondentes traduções. Para este efeito, seleccionámos 49 ocorrências de *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, e de *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. A síntese de correspondências é apresentada no Quadro 5:

Português	Correspondências para espanhol
Conjunção	
a) temporal (arcaico): <i>pois</i> →	--
b) causal / explicativa <i>pois</i> →	<i>pues</i>
Partícula discursiva	
a) consecutiva: <i>pois</i> →	<i>pues</i>
b) adversativa(?): <i>pois</i> →	--
c) continuativa ou de reforço argumentativo: <i>pois</i> →	<i>pues</i> (maioritária), <i>Ø</i> , <i>acaso</i> (no início de frases interrogativas), <i>porque</i> [!]
d) fática: <i>pois</i> →	<i>pues</i> (?)
- metadiscursivo conversacional de receção da mensagem: <i>pois</i> →	--
f) de acordo ou concordância: <i>pois</i> →	<i>sí</i> , <i>no</i> , <i>claro</i> , <i>ya</i> , <i>realmente no</i> ?, <i>ya</i> , <i>pero</i> ?, <i>acaso</i> ?, <i>pues</i> [!]

Quadro 5 - Correspondências de *pois* em traduções literárias para espanhol

Com efeito, dos dados do quadro, pode observar-se que, quando *pois* assume o valor de conjunção causal ou explicativa, ou de partícula conclusiva, a correspondência para espanhol é a esperada; o mesmo acontece quando a partícula portuguesa tem um sentido continuativo ou de reforço argumentativo, se bem que, neste contexto de uso, possamos já detetar algumas soluções divergentes, como a tradução através de uma conjunção causal, como se pode observar no seguinte exemplo (o n.º 8 da secção 2.2 [Anexo]):

Lá isso! exclamou o cônego, parando outra vez. Lá isso! Bem conservada até ali! Pois olhe que não é uma criança! Mas nem um cabelo branco, nem um só! E então, que cor de pele! (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 16)	- Eso además – exclamó el canónigo deteniéndose otra vez-. Eso además. Bien conservada incluso. Porque observe que ya no es ninguna niña. Pero ni una cana, ni una, ni una sola. Y también que color de piel. (<i>El crimen del padre Amaro</i> , p. 17)
---	--

Outra tradução, a nosso ver adequada, é a correspondência através da partícula espanhola *acaso* quando *pois* ocupa o início da frase interrogativa (veja-se o exemplo n.º 7, da secção 2.2 [Anexo]), posição esta na qual *pues* é muito pouco frequente em espanhol:

- Credo! Pois não tem ouvido falar, senhor pároco? Exclamou numa admiração a Sra. D. Maria da Assunção (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 78).	- ¡Jesús! ¿ Acaso non ha oído hablar el señor pároco? –exclamó, con gran admiración, doña Maria da Assunção (<i>El crimen del padre Amaro</i> , p.62).
---	--

Talvez por isso o tradutor opte pelo emprego daquela partícula de reforço argumentativo. Outra opção é a omissão no texto de chegada, como se pode observar no exemplo n.º 9, da secção 2.2 (Anexo), provavelmente pelo carácter expletivo de *pois* em muitos contextos – como aliás acontece com *pues* –:

Ela escutava-o com as mãos apoiadas numa alta sombrinha de seda clara e Amaro sentia vir dela um perfume de pó-de-arroz e uma frescura de cambraias. - Pois deixe estar, disse ela, fique descansado. Meu marido há-de falar. Eu me encarrego disso. Olhe, venha por cá (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 50).	Ella le escuchaba con las manos apoyadas en una alta sombrilla de seda clara y Amaro sentía que le llegaba de ella un perfume de polvos de arroz y una frescura de cambraias. - Ø Déjelo estar –dijo-, quédese tranquilo. Mi marido hablará. Yo me encargo de eso. Oiga, tiene que venir por aquí (<i>El crimen del padre Amaro</i> , p. 43).
---	---

Bastante menos consensuais parecem-nos certas correspondências quando a partícula portuguesa tem valores de acordo ou concordância: embora, como se pode ver nos exemplos de 2.4 do Anexo, a solução habitual seja a correspondência através de uma partícula de confirmação em espanhol (*sí, no, claro, ya...*), encontramos outras

traduções que não nos parecem aceitáveis, como a tradução através de uma conjunção causal (2.4, n.º 12) – claramente anómala –, como adversativa (2.4, n.º 16), ou através da inclusão de focalizadores (*realmente*) (2.4, n.º 15) ou de partículas de reforço argumentativo (*acaso*) (2.4, n.º 19):

No banco de trás não caberiam os três, o doutor Sampaio não queria ir à frente, deixando a filha com um desconhecido, sim, um desconhecido, na propícia penumbra, pois , mesmo não havendo entre os dois o mínimo contacto físico, se na penumbra estão ela os aproxima com mãos de veludo, e mais ainda os aproximam os pensamentos, aos poucos se tornando secretos mas não escondidos (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 69).	En el asiento de atrás no cabrían los tres, el doctor Sampaio no querría ir adelante dejando la hija con un desconosido, sí, en la penumbra propicia, pues , incluso habiendo entre los dos el mínimo contacto físico, la penumbra los aproxima con manos de terciopleo, y más aún los aproximan los pensamietos, que muy pronto resultan ya secretos per no escondidos (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 95).
---	---

Agora me estou a lembrar de que o Daniel me falou dum antigo marinheiro também chamado Guedes, mas esse é Manuel, o Manuel Guedes, que está a ser julgado, são quarenta réus, Guedes há muitos, Pois , este é só Manuel (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 211).	Ahora recuerdo que Daniel me habló de un antiguo marineo también llamado Guedes, pero Maneul, Manuel Guedes, que lo están juzgando, son cuarenta acusados, Guedes hay muchos, Ya, pero éste es sólo Manuel (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 281).
---	---

Por amor beijá-la-ia, não o diria primeiro, Então não me ama, Gosto de si, Fu também gosto de si, E contudo não foi por isso que nos beijámos, Pois não , Que vamos fazer agora, depois do que aconteceu (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 158).	Por amor la besaría, no lo diría primero, Entonces no me ama, Me gusta usted, También usted me gusta a mí, Y, no obstante, no nos besamos por eso, Realmente no , Qué vamos a hacer ahora, después de lo ha ocurrido (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 210).
--	---

Crê? Disse a condessa. Mas muito bem conservado! E que vivacidade, que entusiasmo! Ai, é outra coisa! — E voltando-se para a senhora que estava junto ao piano: - Pois não achas, Teresa? (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 58).	¿Le parece? –dijo la condesa_. Pero muy bien conservado. Y que vivacidad, que entusiasmo... ¡ Ay, es otra cosa! –Y volviéndose hacia la señora que estaba junto al piano: - ¿ Acaso no te lo parece Teresa? (<i>El crimen del padre Amaro</i> , p.49).
--	--

6. Considerações finais

Gostaríamos, nas notas conclusivas do presente trabalho, de realçar a importância de estudos – ainda não muito numerosos – sobre a pragmática contrastiva português-espanhol – e concretamente sobre as partículas discursivas – com aplicação na tradução – neste caso, de textos literários. Trabalhos, aliás, como aquele que acaba de ser apresentado, de forma lateral – embora não menos importante –, proporcionam, no confronto, um olhar mais profundo e alargado sobre cada uma das formas em estudo; no âmbito do presente trabalho, com efeito, notámos, nos textos literários em português, um uso do *pois* continuativo ou de reforço argumentativo – habitual em espanhol – mais frequente do que poderíamos prever. Com efeito, as diferentes formas de traduzir um marcador discursivo são tentativas de o tradutor dar, na língua de chegada, valores por vezes difíceis de captar na língua de partida. Ora a análise das traduções permite completar ou matizar a descrição que fazemos quer do elemento estudado, na língua de partida, quer das suas correspondências na língua de chegada. Por tudo isto, parece-nos que estudos como o presente podem ajudar a melhorar o conhecimento sobre a distância semântica das partículas discursivas em português e em espanhol, bem como a objetivar os diversos valores das partículas quer no português, quer no espanhol.

Referências bibliográficas

- Academia das Ciências de Lisboa = (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo.
- Aurélio = Buarque de Holanda Ferreira, A. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Briz Gómez, A. (1998). *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmatogramática*. Barcelona: Ariel.

- Briz Gómez, A., Pons Bordería, S., & Portoles Lázaro, J. (Coords.). (2008). *Diccionario de partículas discursivas del español*. Disponível em www.dpde.es.
- Cano Aguilar, R. (2007). Conectores de discurso en el español del siglo XVI. *Lexis. Revista de lingüística y literatura*, 31, 1/2, 5-45.
- Corominas, J., & Pascual, J. A. (1980-1983). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos. 6 vols.
- Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2015). Los marcadores *assim mesmo* (mesmo *assim*) *asimismo* en portugués y en español. In S. Azzopardi & S. Sarrazin (Eds.). *Langage et dynamique du sens. Études de linguistique ibéro-romane* (pp. 125-141). Bern: Peter Lang.
- Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2017). Valeurs de *Ainda* [Encore] en Portugais et leurs équivalents en Espagnol. *Studia Ubb Philologia*, LXII, 4, 63-76. DOI:10.24193/subbphilol.2017.4.05
- Fuentes Rodríguez, C. (2009). *Diccionario de conectores y operadores del español*. Madrid: Arco/Libros.
- Garcés Gómez, P. (1992). El operador discursivo *pues* en el español hablado. *Romanistisches Jahrbuch*, 43, 261-276.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lima, J. P. (2002). Grammaticalisation, subjectification and the origin of phatic markers. I. Wischer & G. Diewald (Eds.), *New reflections on grammaticalisation* (pp. 363-378). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Lopes, A. C. M. (2012). Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no Português europeu contemporâneo. *Alfa: Revista de Linguística*, 56, 2, 451-468.
- Lopes, Ó. (2005 [1991]). Da partícula *pois* ao conceito de apodeixis. F. Oliveira & A. M. Brito (Coords.), *Entre a Palavra e o discurso. Estudos de Linguística 1977-1993* (pp. 211-224). Porto: Campo das Letras.
- Marques, M. A. (2016). Ah, pois... oralidade, marcadores discursivos e ensino do Português. Apresentação no Encontro *Promover a oralidade na aula de língua estrangeira*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, fevereiro de 2016.
- Martín Zorraquino, M. A., & Portolés Lázaro, J. (1999). Los marcadores del discurso. I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática Descriptiva del español* (pp. 4051-4213). Madrid: Real Academia Española/Espasa Calpe. 3 vols.
- Moliner, M. (1984). *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos. 2 vols.
- Morais = Silva, A. M. (1959). *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência. 12 vols.
- Nieto Jiménez, L., & Alvar Ezquerria, M. (2007). *Nuevo tesoro lexicográfico del español (s. XIV-1726)*. Madrid: Arco/Libros. 11 vols.
- Houaiss, A. (Ed.). (2001). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Paiva, M. da C., & Braga, M. L. (2013). Gramaticalização e especialização funcional: o caso do conector *pois*. *Diacrítica*, 27, 195-216.

- Ponce de León, R. & Duarte, I. M. (2013). Aliás: diferencias de empleo en portugués y en español. In N. Delbecque, N. Delpont, D.M. Maturana, (Eds.). *Du signifiant minimal aux textes. Études de linguistique ibéro-romane* (pp. 137-152). Limoges: Lambert-Lucas.
- Ponce de León, R. & Duarte, I. M. (2018). Todavía / todavía: análisis contrastivo de los valores y de contextos de traducción en español y en portugués. In E. Socas, J. Hernández, S. Carsten (Ed.). *Clases y categorías lingüísticas en contraste. Español y otras lenguas* (pp. 37-52). Berlín: Peter Lang.
- Real Academia Española (1726-1739). *Diccionario de la lengua castellana* [= *Diccionario de autoridades*]. Madrid: Francisco del Hierro. Disponível em <http://web.frl.es/DA.html>.
- Real Academia Española (2009). *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros. 2 vols.
- Pons Rodríguez, L. (2010). La historia de los marcadores discursivos en español. Ó Loureda & E. Acín (Coords.), *Los estudios sobre marcadores del discurso en español, hoy* (pp. 524-615). Madrid: Arco/Libros.
- Portolés Lázaro, J. (1989). El conector argumentativo *pues*. *DICENDA. Cuadernos de Filología Hispánica*, 8, 117-133.
- Santos Río, L. (2003). *Diccionario de partículas*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones.

Corpus de obras e traduções

- Queirós, Eça de (s/d). *O crime do padre Amaro*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Queirós, Eça de (1998). *El crimen del padre Amaro*. Madrid: Alianza editorial, 3ª impressão 2002 (Trad. Eduardo Naval).
- Saramago, José (1984). *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José (1998). *El año de la muerte de Ricardo Reis*. Madrid: Alfaguara (Trad. Basilio Losada.)

Corpora consultados

- CETEMpublico <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>
- CRPC: Corpus de Referência do Português Contemporâneo
<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-corpus>
- Davies, Mark and Michael Ferreira. (2006-) *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Available online at <http://www.corpusdoportugues.org>.
- Perfil sociolinguístico da Fala bracarense.
<https://sites.google.com/site/projectofalabrarense>.
- C-Oral-Rom

ANEXO

Correspondências de *pois* em traduções literárias para espanhol

1) CONJUNÇÃO

1.1) Causal / Explicativa:

(1) havia um lanço de escada empinado, e sobre o arranque do corrimão, em baixo, uma figura de ferro fundido levantava no braço direito um globo de vidro, representando, a figura, um pajem em traje de corte, se a expressão ganha com a repetição alguma coisa, se não é pleonástica, pois ninguém se lembra de ter visto pajem que não estivesse em traje de corte (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 8).	Había un tramo empinado de escalera, y sobre el arranque del pasamanos, abajo, una figura de hierro fundido levantando en el brazo derecho un globo de cristal que representaba, la figura, un page en taje de corte, si la expresión gana algo con la repetición y nos es pelonástica, pues nadie recuerda haber visto paje que no lleve traje de corte (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 15).
--	--

2) PARTÍCULA DISCURSIVA

2.1) Consecutiva:

(2) na História dos Guelfos e Gibelinos, capítulo respectivo, e também na Divina Comédia, canto trigésimo terceiro do Inferno, chame-se pois Ugolina à mãe que come os seus próprios filhos (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 18).	La historia de los Güelfos y Gibelinos, capítulo respectivo, y también la Divina Comedia, canto trigésimo tercero del Inferno, se llamará pues , Ugolina, la madre que devora a sus propios hijos (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 26).
--	---

2.2) Continuativa ou de reforço argumentativo:

(3) todos os apaixonados são assim, Não estou apaixonado, Pois muito o lamento, deixe que lhe diga, o D. João ao menos era sincero, volúvel mas sincero, você é como o deserto, nem sombra faz (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 115).	Todos los enamorados son así, No estoy enamorado, Pues lo siento mucho, mire, me voy a decir una cosa, Don Juan, al menos, era sincero, voluble, pero usted es como el desierto, ni sombra hace (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 154).
(4) Adeus, caro Reis, até um destes dias, deixo-o a namorar a pequena, você afinal desilude-me, amador de criadas, cortejador de donzelas, estimava-o mais quando você via a vida à distância a que está, A vida, Fernando, está sempre perto, Pois aí lha deixo, se é vida isso (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 115).	Adiós, mi querido Reis, hasta uno de estos días, le dejo enamorando a esa muchacha, realmente usted me decepciona, desuctor de criadas, cortejador de doncellas, lo estimaba más cuando usted veía la vida a distancia a que está. La vida, Fernando, está siempre cerca, Pues ahí se la dejo, si es que eso es vida (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 155).
(5) Vim cá para lhe dizer que não tornaremos a ver-nos, Porquê, O meu tempo chegou ao fim, lembra-ma de eu lhe ter dito que só tinha para uns meses, Lembro-me. Pois é isso , acabaram-se (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 269).	He venido para decirle que no volveremos a vernos, Por qué, Mi tiempo ha terminado, recuerda que le dije que sólo tenía para unos meses, Lo recuerdo, Pues se han acabado (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 356).
(7) - Credo! Pois não tem ouvido falar, senhor pároco? Exclamou numa admiração a Sra. D. Maria da Assunção (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 78).	- ¡Jesús! ¿Acaso non ha oído hablar el señor párroco? –exclamó, con gran admiración, doña Maria da Assunção (<i>El crimen del padre Amaro</i> , p.62).
(8) Lá isso! exclamou o cónego, parando outra vez. Lá isso! Bem conservada até ali! Pois olhe que não é uma criança! Mas nem um cabelo branco, nem um só! E então, que cor de pele! (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 16)	- Eso además – exclamó el canónigo deteniéndose otra vez-. Eso además. Bien conservada incluso. Porque observe que ya no es ninguna niña. Pero ni una cana, ni una, ni una sola. Y también que color de piel Assunção (<i>El crimen del padre Amaro</i> , p. 17)
(9) Ela escutava-o com as mãos apoiadas numa alta sombrinha de seda clara e Amaro sentia vir dela um perfume de pó-de-arroz e uma frescura de cambraias. - Pois deixe estar, disse ela, fique descansado. Meu marido há-de falar. Eu me encarrego disso. Olhe, venha por cá (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 50)	Ella le escuchaba con las manos apoyadas en una alta sombrilla de seda clara y Amaro sentía que le llegaba de ella un perfume de polvos de arroz y una frescura de cambraias. - Ø Déjelo estar –dijo-, quédese tranquilo. Mi marido hablará. Yo me encargo de eso. Oiga, tiene que venir por aquí. p. 43

2.3) Fática:

(9) - Ah! Para coisas de sentimento não há outro. –E bocejando enormemente: Pois , menino, tenho tido toda a noite as lulas a conversar cá por dentro (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 85).	- ¡Ah! Para las cosas de sentimentino no le hay otro. –Y bostezando enormemente: Pues , muchacho, he tenido toda la noche los calamares conversándome aquí dentro (<i>El crimen del padre Amaro</i> p.67).
--	--

2.4) De acordo ou concordância:

(10) Meia hora depois já o afável Salvador pode informar, Não, deve tê-los confundido com outras pessoas, que eu saiba nunca estiveram no Brasil, vêm aqui há três anos, temos conversado, claro, era natural que me tivessem falado duma viagem dessas, Então foi confusão minha, mas diz o senhor Salvador que vêm aqui há três anos, Pois vêm, são de Coimbra, vivem lá, o pai é o doutor Sampaio, notário, E ela, Ela tem um nome esquisito, chama-se Marcenda, imagine (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p.31).	Media hora después ya el afable Salvador pude informar, No, debe de haberlos confundido con otras personas, que yo sepa nunca han estado en Brasil, viene aquí desde hace tres años, hemos hablado, claro, era natural que me hubieran hablado de un viaje así, Entonces será una confusión mía, perodice usted que vienen desde hace tres años, Sí , son de Coimbra, viven allí, el padre es notario, se llama Sampaio, Y ella, Ella tiene un nombre raro, se llama Marcenda, fíjese (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 46).
(11) Veio abaixo abrir a porta, mostrou-se admirado, Afinal tornou cedo, divertiu-se pouco, Sentia-me cansado, com sono, Sabe, isto de passagens de ano já não é nada do que foi, Pois não , bonito é no Brasil (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 48).	Bajó a abrir, se mostró sorprendido Ha vuelto muy temprano, bromeó, Estaba cansado, tengo sueño, Esto del año viejo ya no es lo que era. No , bonito es en Brasil (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 67).
(12) no banco de trás não caberiam os três, o doutor Sampaio não queria ir à frente, deixando a filha com um desconhecido, sim, um desconhecido, na propícia penumbra, pois , mesmo não havendo entre os dois o mínimo contacto físico, se na penumbra estão ela os aproxima com mãos de veludo, e mais ainda os aproximam os pensamentos, aos poucos se tornando secretos mas não escondidos (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 69).	En el asiento de atrás no cabrían los tres, el doctor Sampaio no quería ir adelante dejando la hija con un desconosido, sí, en la penumbra propicia, pues , incluso habiendo entre los dos el mínimo contacto físico, la penumbra los aproxima con manos de terciopleo, y más aún los aproximan los pensamientos, que muy pronto resultan ya secretos per no escondidos (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 95).

(13) diz aqui que um tal José Reis, por alcunha o José Rola, deu cinco tiros na cabeça de um António Mesquita, conhecido por Mouraria, matou-o, pois claro , não, não foi negócio de saias, diz o jornal que tinha havido uma história de conto-do-vigário mal repartido, um deles enganou o outro (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 92).	Dice quí que un tal José Reis, alias José Tórtolo, le pegó cinco tiros en la cabeza a un tal Antonio Mesquita, conocido por Mouraría, lo mató, claro , no, no fue un asunto de faldas, dice el periódico que había entre ellos una historia por un timo de la estampita mal repartido, uno engañó al otro (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 124).
(14) Cá li o livro que me recomendou, Qual livro, O da Conspiração, não se lembra, Ah, pois ; provavelmente não gostou, não apreciou, Ora essa, admirei muito a excelente doutrina nacionalista (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 112).	Leí el libro que me recomendó, Cuál, Conspiración, no lo recureda, Ah, sí , pero non le habrá gustado, probablemente, non lo habrá entendido, Quá va, amigo mío, admiré profundamente su excdelente doctrina nacionalista (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 150).
(15) Por amor beijá-la-ia, não o diria primeiro, Então não me ama, Gosto de si, Eu também gosto de si, E contudo não foi por isso que nos beijámos, Pois não , Que vamos fazer agora, depois do que aconteceu (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 158).	Por amor la besaría, no lo diría primero, Entonces no me ama, Me gusta usted, También usted me gusta a mí, Y, no obstante, no nos besamos por eso, Realmente no , Qué vamos a hacer ahora, después de lo ha ocurrido (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 210).
(16) Agora me estou a lembrar de que o Daniel me falou dum antigo marinheiro também chamado Guedes, mas esse é Manuel, o Manuel Guedes, que está a ser julgado, são quarenta réus, Guedes há muitos, Pois , este é só Manuel (<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i> , p. 211).	Ahora recuerdo que Daniel me habló de un antiguo marineo también llamado Guedes, pero Manuel, Manuel Guedes, que lo están juzgando, son cuarenta acusados, Guedes hay muchos, Ya, pero éste es sólo Manuel (<i>El año de la muerte de Ricardo Reis</i> , p. 281).
(17) Respeito muito a opinião de vossa excelência, mas se me permite... Sim, digo eu, os párocos na cidade são-nos dum grande serviço nas crises eleitorais. Dum grande serviço! — Pois sim. Mas... (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 55).	-Respeto mucho la opinión de Su Excelencia, pero si me permite... Sí, digo yo, los párrocos en la ciudad nos son de gran utilidad en las crisis electorales. De gran utilidad. - Pues sí. Pero... (<i>El crimen del padre Amaro</i> , p. 47).
(18) Crê? Disse a condessa. Mas muito bem conservado! E que vivacidade, que entusiasmo! Ai, é outra coisa! — E voltando-se para a senhora que estava junto do piano: - Pois não achas , Teresa? (<i>O crime do Padre Amaro</i> , p. 58).	¿Le parece? —dijo la condesa—. Pero muy bien conservado. Y que vivacidad, que entusiasmo... ¡Ay, es otra cosa! —Y volviéndose hacia la señora que estaba junto al piano: —¿ Acaso no te lo parece Teresa? (<i>El crimen del padre Amaro</i> , p.49).

UN TIPO ESPECIAL DE MARCADOR DISCURSIVO: PARTÍCULAS REPORTATIVAS EN VASCO Y CHECO Y SU TRADUCCIÓN AL ESPAÑOL¹

Karlos Cid Abasolo

(Universidad Complutense de Madrid)

abasolo@ucm.es

<https://orcid.org/0000-0002-0080-0337>

Resumen: Este artículo versa sobre un tipo especial de marcador discursivo: se trata de partículas reportativas que encontramos en lenguas tan dispares como el vasco —lengua no indoeuropea— y el checo —lengua indoeuropea y eslava—. Estas partículas son *omen* y *ei* en vasco y *prý* en checo escrito (con su variante coloquial *prej* y la del dialecto moravo *pré*). Teniendo en cuenta que el español estándar carece de partículas reportativas, analizaremos los diversos equivalentes castellanos de *omen* y *prý* a los que recurrieron los traductores de ciertas obras narrativas vascas y checas: dos del escritor vasco Anjel Lertxundi (1948-), una del checo Jan Neruda (1834-1891) y dos del checo Milan Kundera (1929-). Estos marcadores discursivos checos y vascos indican que la información aportada procede de una fuente oral o escrita que puede ser tanto concreta como inconcreta. No hay una fórmula única para traducirlos al español. El traductor tomará una decisión según cada caso y dependiendo de múltiples factores.

¹ Agradezco a la profesora Marta Carretero Lapeyre el haber aportado a este trabajo sugerentes observaciones que han servido para depurarlo y enriquecerlo. Eskerrik asko, Marta.

Este artículo está enmarcado en el proyecto de investigación "Evidencialidad: Estudio discursivo-pragmático del inglés y otras lenguas europeas". Referencia: FFI2015-65474-P MINECO/FEDER, UE.